

## Trump e o Brasil de 2027

Rogério L. Furquim Werneck\*

Os danos mais preocupantes que advirão das tarifas sobre exportações brasileiras impostas pelo governo Trump serão primordialmente indiretos. Deverão decorrer dos desdobramentos econômicos dos efeitos colaterais do tarifaço sobre o complexo processo político-eleitoral que vem tendo lugar no País.

Embora seja inegável que exportadores que não chegaram a ser isentados da tarifa de 50% poderão ser seriamente afetados, a verdade é que o impacto macroeconômico do tarifaço, pelo menos por enquanto, se afigura bem mais limitado do que de início se chegou a temer.

O que, sim, preocupa é como a interferência do governo Trump vem tumultuando o reposicionamento de forças políticas no País para o grande embate da disputa presidencial de 2026.

De um lado, claro, a motivação eminentemente política do tarifaço deu ao presidente Lula um inesperado e vigoroso impulso eleitoral favorável, ao lhe propiciar a narrativa da “ameaça externa”, bem mais persuasiva e eficaz do que as patéticas bandeiras eleitoreiras que o Planalto vinha tentando brandir.

De outro, o foco específico da motivação política do tarifaço intensificou a polarização em torno do acerto de contas de Jair Bolsonaro com a Justiça. E, de repente, ampliou em grande medida a influência do ex-presidente nas delicadas negociações pré-eleitorais que vêm tendo lugar entre as forças políticas de centro-direita.

Na verdade, a interferência de Trump deflagrou um racha na centro-direita, ao dar súbita proeminência à agenda pessoal e altamente divisiva de Bolsonaro, fixada na viabilização de sua própria anistia, ou de seu indulto, e no impeachment de juizes do Supremo.

No fim das contas, com o estapafúrdio anúncio do tarifaço, o governo Trump fez bem mais do que impulsionar a campanha da reeleição de Lula. Ao alavancar o que há de pior nas forças políticas de direita no País, também convulsionou as complexas negociações que deverão redundar na escolha de um candidato de oposição para a disputa presidencial de 2026. Tornou menos provável que o candidato escolhido seja um nome razoável, apto a governar com um Congresso de maciça maioria de centro-direita e, ao mesmo tempo, capaz de angariar o crucial apoio de eleitores de centro no segundo turno.

São danos colaterais importantes, que, ao reduzir sensivelmente a probabilidade de um desfecho promissor da eleição presidencial do ano que vem, podem dar razões de sobra para apreensão com as perspectivas da economia brasileira a partir de 2027.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.